

## NO CORAÇÃO DA AMÉRICA

Paulo Edson Alves Filho\*

Maurício Micheletti\*\*

\* Dr. pela Universidade de São Paulo - USP. Professor da Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP - Brasil. E-mail: paulo.alves@prof.uniso.br

\*\* Professor da Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP - Brasil. E-mail: mauricio@helett.com.br

[...] Primavera de 1855 e os Delawares já estavam assentados em suas terras no Kansas por quase uma geração. Entretanto, não havia paz. A descoberta de ouro na Califórnia trouxera a toda terra indígena hordas de aventureiros vorazes juntamente com suas irritações e ultrajes que afetavam os indígenas. Havia um crescente desentendimento entre os próprios brancos. “O que faremos se os brancos começarem a brigar entre si?”, perguntavam os índios uns aos outros em torno da fogueira. “Seremos exterminados pelas consequências de uma guerra do homem branco?”

Both Sides of the River, Argye M. Briggs

“Nas próximas cento e vinte milhas até Pittsburg não tem nada de interessante”, diz Dennis ao nos receber no aeroporto de Kansas City. Não era verdade: foi durante as quase duas horas de viagem pela autoestrada em direção ao sul do Kansas, beirando a fronteira com o Missouri, que começamos a compreender o interior do centro-leste americano. Seguíamos em direção à universidade estatal da pequena cidade de Pittsburg, onde lecionaríamos na semana seguinte, como parte do convênio firmado com a Uniso.

Durante o trajeto, o simpático Dennis - que trabalha para a universidade e é um dos 22 mil habitantes da pequena Pittsburg - nos contou sobre sua paixão por automóveis, motos e pela vida tranquila na região. Nas grandes fazendas ao longo da estrada, o verde começava a despontar entre o cinza das pastagens e dos cedros, anunciando a primavera. “Quando os colonizadores chegaram aqui, eles se perdiam. Andavam por vinte, trinta dias, e o cenário era o mesmo: as pradarias que, esporadicamente, são cortadas pelos pequenos rios de águas transparentes. Não havia árvores; elas foram trazidas por eles.”

Estávamos na região das grandes planícies americanas. Antes da chegada do espanhol Francisco Vasquez de Coronado em 1541, o estado era extensamente povoado pelos índios Pawnees, ao norte, Cheyennes e Arapahos, a oeste, e Comanches, ao sul. Pittsburg, nosso destino,

assenta-se onde outrora viviam os Osages e os Kansas, que dão o nome àquele território da federação americana. Kansa significa “povo do vento sul”.

Após pouco tempo de conversa e estrada com Dennis, pudemos ter uma ideia da riqueza etnolinguística da América do Norte pré-colombiana: eram mais de 500 línguas faladas entre o Pacífico e o Atlântico pelos milhões de indígenas que a povoavam. Inclusive, para que conseguissem se comunicar, recorriam a um eficiente sistema de gestos e sinais em escambos, disputas, celebrações e pactos de paz.

O contato com o europeu trouxe mudanças dramáticas aos costumes dos nativos. Os Comanches receberam cavalos dos espanhóis e com eles aprimoraram a arte de guerrear. Muitos clãs abandonaram a agricultura e se especializaram na caça ao bisão - especialmente durante o outono, quando os ruminantes estavam bem alimentados e eram encontrados em grandes manadas nas pradarias. Mais ao sul do estado, os Osages, inimigos dos Comanches e dos Kansas, aliaram-se aos franceses - os colonizadores britânicos até o início do século XIX exploravam somente as terras a leste do Mississippi.

Na metade do caminho a Pittsburg, paramos na minúscula comunidade de Fort Scott, que preserva ares dos primórdios da federação americana.

“Veja a cor dessa argila”, disse Dennis, apontando para a calçada que contorna o sítio arqueológico do forte. De um vermelho intenso, é tão bem preservada quanto o complexo militar que dá nome à cidadela de oito mil habitantes.

Fort Scott foi erguido em 1842. Demarcava a Fronteira Indígena Permanente que separava os territórios dos colonizadores, dos Osages e das outras etnias provenientes de Oklahoma e Nebraska, realocadas durante o processo de expansão das terras dos pioneiros. Dados os constantes ataques realizados por índios do Missouri e as próprias desavenças entre os indígenas locais e colonizadores, os oficiais de Fort Scott tinham a missão de policiá-los, conciliá-los e protegê-los. O forte garantia aos nativos, terras que não deveriam ser invadidas pelos ávidos europeus em busca de solo cultivável.

Contudo, o projeto de manterem as fronteiras das comunidades que lá viviam não durou muito. O assentamento de colonizadores acontecia em ritmo mais vigoroso do que o possível de controlá-lo e outros acontecimentos mais relevantes a oeste fizeram com que a missão dos oficiais em Fort Scott ficasse em segundo plano. Além da gradativa perda de proteção, os nativos

– quando não sofriam violência física do colonizador – estavam expostos à chaga do alcoolismo. Recebiam pensões em dinheiro do governo e boa parte delas era gasta em bebida, vício que cooperava com falência e desintegração de seus valores culturais. Não eram raros os casos de desentendimentos fúteis que acabavam em assassinatos. As crianças viviam constantemente desnutridas por não receberem alimentos que deveriam ser adquiridos com o dinheiro do governo. Como paliativo, Robert Calloway, oficial encarregado de entregar a cota federal aos Osages, mudou a forma da distribuição do benefício: começou a transferi-lo diretamente às famílias em vez de aos chefes das tribos.

O contingente militar de Fort Scott foi definitivamente desmobilizado e realocado no sudoeste com o advento da guerra com o México em 1846 - conflito que finalmente propiciou a demarcação da nação americana de costa a costa. Contudo, os embates, que duraram dois anos, também vieram a dar impulso a iminente guerra civil americana. Nas terras recém conquistadas do México a escravidão não era praticada, o que afetou o frágil equilíbrio de poder no Congresso entre os estados anti e pró-escravagistas. Geograficamente, o Kansas estava no epicentro da divergência na qual a nação mergulhava, e foi nele que aconteceram os primeiros confrontos sérios que deram início à guerra civil.

Em 1858, manifestantes radicais de ambos os lados se enfrentaram em Fort Scott. Um dos prédios que compunham o forte - então desativado e transformado em hotel - fora queimado. Nos três anos seguintes, sessenta pessoas pereceram e centenas ficaram feridas no estado, antes mesmo da guerra ter começado e se espalhado pela União. Assim, o forte voltou a ser utilizado militarmente como abrigo a soldados e combatentes confederados contrários à escravidão e também como depósito de munição. Serviu ainda como refúgio de indígenas, fazendeiros, escravos africanos e seus descendentes. Devido à diversidade étnica que abrigava, Fort Scott foi o primeiro posto militar americano a ter um regimento formado por indígenas e negros.

“Eu poderia estar em casa em uma cadeira de balanço, mas trabalhar aqui é muito mais emocionante”, diz Betsy, a risonha senhora que atende no balcão de informações do atual sítio histórico do forte.

Seguimos em direção à rua principal da cidade. Se não fossem os carros e as flâmulas com anúncios comerciais, poderíamos imaginar lá ter sido o *set* de gravações do *western* “Matar ou Morrer”, com Gary Cooper no papel do cowboy. Ao final de uma dúzia de quadras, ela

desemboca em uma estrada de terra. Em toda sua extensão é flanqueada por um conjunto arquitetônico de dois andares geminados com varandas frontais.

Com o fim da guerra civil, a região de Fort Scott e Pittsburg assistiu a um intenso desenvolvimento com a chegada da ferrovia. Em 1869, pela última vez, o forte voltou a ser ativo com a presença de militares protegendo os trabalhadores que a construíam. No início do século passado, ela fazia do Kansas o estado com a maior milhagem de trilhos per capita nos Estados Unidos.

Em 1865, a cinquenta quilômetros ao sul de Fort Scott, a pequena comunidade de Iowa City foi fundada por George Hobson, sua esposa e amigos, provenientes do estado de Iowa após uma viagem de seis semanas. Hobson havia integrado a 4ª Cavalaria daquele estado durante a guerra e pretendia plantar e criar gado no local. Mais tarde, seu grupo decidiu mudar o nome do assentamento para Pittsburg, em homenagem ao centro industrial de Pittsburgh, na Pennsylvania. À época, já ocorria a extração de carvão mineral na região, e Hobson organizou a construção de uma escola e um posto de correios.

A comunidade cresceu e era constituída basicamente por famílias de baixa renda dedicadas à extração do minério. Italianos, belgas, franceses e russos foram os primeiros imigrantes que chegaram a Pittsburg. Como a comunidade era mista, formada por indivíduos de diferentes culturas, os conflitos não eram raros. Não havia polícia, nem hospitais. As crianças não desfrutavam da infância: aos sete ou oito anos já trabalhavam no ambiente insalubre das minas, empurrando carrinhos que levavam o carvão à superfície. Deitados ou ajoelhados, os trabalhadores mais velhos usavam picaretas em longas galerias estreitas que chegavam, diagonalmente, a cem metros de profundidade. Acidentes decorrentes do uso inadequado de dinamite nas escavações eram frequentes: em média por ano, quarenta ou cinquenta mineradores perdiam a vida e algumas centenas ficavam seriamente feridos. Com opções limitadas, muitas das viúvas viam-se obrigadas a abrir estalagens e cultivar a terra para o sustento da família, já que as companhias mineradoras ofereciam um ressarcimento ínfimo aos familiares.

Apesar das extremas dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores da comunidade, Pittsburg prosperava. Além do carvão, a argila da região era excelente para a manufatura de tijolos. A vastidão das terras era generosa com as plantações e pecuária. Algumas décadas após a chegada de Hobson, a pequena cidade já tinha ruas e avenidas uniformes e retilíneas, três dezenas

de grandes empresas mineradoras e quinze mil habitantes. Em 1903, a primeira escola normal - que viria a ser a moderna universidade estatal - foi aberta e oferecia cursos a estudantes de toda a região.

Em meados da década de vinte do século passado, a atividade extrativista começou a declinar. Pouco depois, a situação econômica e manufatureira foi extremamente afetada pela Grande Depressão e Pittsburg passou a ser um pólo educacional no estado, tendo como instituição proeminente sua universidade estatal. Hoje, um século após abrir as portas como escola normal, ela oferece dezenas de cursos superiores a mais de sete mil alunos e conta com um centro tecnológico de referência no estado. Seu programa de MBA foi listado entre os quinze melhores dos Estados Unidos no ano de 2010.

Tivemos a oportunidade de não só conhecer a grandiosidade daquela instituição durante a semana em que lá lecionamos, mas também encontrar pessoas com histórias inusitadas. Entre elas, as de Bill, um apaixonado por motos que administra uma pequena oficina especializada em Harley-Davidson. No dia em que o visitamos, fazia a manutenção de duas raridades: uma modelo XR750, de 1980, e uma FXR, de 1982. Ao lado de seu galpão de trabalho, um abrigo subterrâneo para tornados.

“Os mais comuns duram um minuto e meio. Você os vê se formarem a duzentos metros de distância. Está vendo essa fileira de árvores? Pois bem: um deles atingiu a última, que ficava lá na frente, durante a noite. Na manhã seguinte, fui encontrá-la perto do celeiro, toda destruída. Parecia que alguém a havia pego, colocado-a em um liquidificador gigante e a esfregado na parede. Manchou tudo de verde. Sobraram só pedacinhos minúsculos de folhas espalhadas no chão”. Bill conta com voz calma e uma sombra de sorriso, percebendo nossa expressão de espanto. É impossível não lembrarmos de Dorothy, do Mágico de Oz, sendo tragada em um forte redemoinho no meio do Kansas e levada à terra fantástica de espantalhos falantes e leões covardes.

Após saborearmos um jantar delicioso em sua casa, ficamos horas ouvindo Bill descrever o cotidiano bucólico de Pittsburg: coiotes que vêm lamber o vidro da porta da cozinha em noites frias, índios que administram cassinos nas redondezas e atrativos espalhados pela mítica rota 66, distante poucos quilômetros de sua oficina. Assuntos incomuns, só encontrados nas profundezas das nações do mundo. Além de Bill, conhecemos também Don Smith, outro carismático morador

da cidade. Aposentado, começou a reformar bicicletas velhas doadas por moradores locais e de cidades vizinhas. Muito usada naquela região plana, a bicicleta é uma das poucas alternativas a automóveis, já que praticamente não há transporte público.

Nos anos oitenta, um grupo de estudantes venezuelanos procurou Don querendo comprar algumas de suas bicicletas reformadas. Ele as emprestou, mediante um depósito caução. Desde então, nunca mais parou. Hoje, conta com mais de duzentas bicicletas reformadas e as empresta com frequência aos estudantes estrangeiros. “Eles vêm para passar um ou dois anos. Não faz sentido comprarem ou alugarem carros. Tudo aqui é distante; não é possível se deslocar a pé. Apesar de não acontecer frequentemente, algumas bicicletas desaparecem ou são roubadas. Eu até gosto que isso aconteça, pois assim posso usar os trinta dólares que eles deixam como depósito para o reparo de outras.”

Don é feliz com seu trabalho voluntário. Alunos e funcionários da universidade elogiam sua dedicação. Assim como Betsy, funcionária do centro de atendimento ao turista de Fort Scott, Don é exemplo de quem se importa com os outros e quer ser útil à comunidade. Em reconhecimento, os alunos sempre o convidam para atividades recreativas, churrascos e festividades da universidade. “Enquanto Deus permitir, continuarei a reformar e emprestar bicicletas a essa garotada,” completa.

Após alguns dias na universidade de Pittsburg, sempre com a atenção da simpática e prestativa Cathy Lee, diretora do departamento de relações internacionais, podemos entender porque André Souza e Amanda Soares - nossos alunos da Uniso que finalizam no mês de junho seus programas de intercâmbio - estão tristes por terem que deixar aquele canto especial do Kansas: ele é marcado por pessoas e histórias mais do que encantadoras.